

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS

Volume III



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS
COIMBRA 1981

CAMÕES CRISTÃO-NOVO?

A ÓPTICA DO HEBRAÍSTA

Numa recente e controversa Vida de Camões, aponta-se o conhecimento do hebraico entre os indícios de que o Poeta era cristão-novo. Em boa verdade, é um indício muito ténue: *Ana* supostamente antónimo de *agonia*, *Ana* abreviatura ou sinónimo de *Joana*... só de quem conheça o idioma hebraico (1).

É pouco, francamente pouco, mesmo para um exame elementar de Língua Hebraica. Atirada para cima da balança junto aos feixes de argumentação histórica, a filologia deixa o fiel praticamente no mesmo sítio. Não é preciso saber hebraico nem encetar uma investigação apropriada para reconhecer a fraqueza do argumento: «O conhecimento de uma ou outra palavra hebraica também não é revelador; o hebraico era a língua santa e estudavam-no muitas pessoas interessadas em estudos bíblicos» (2). Que o digam Jerónimo de Azambuja (3), Francisco

(1) J. HERMANO SARAIVA, *Vida ignorada de Camões*, Lisboa 1978, p. 40.

(2) *Ibid.*, p. 41.

(3) Também conhecido pelo topónimo latinizado Oleaster, escreveu comentários ao Pentateuco tão sobrecarregados de filologia hebraica (*Commentaria in Moisi Pentateuchum*, Antuérpia 1559, Lião 1586, onde se reúnem as edições separadas de *In Genesim*, Lisboa 1556, *In Exodum*, *In Leviticum*, *In Numeros*, *ibid.* 1557, *In Deuteronomium*, *ibid.* 1558) que disso quase se penitencia no prefácio da obra póstuma *In Isaiam prophetam Commentarii*, Paris 1622 (cf. J. NUNES CARREIRA, *Filologia e Crítica de Isaías no Comentário de Francisco Foreiro [1522?-1581]*. Subsídios para a História da Exegese Quinhentista, Coimbra 1974, p. 54). Deixou ainda uns *Hebraismi et canones pro intellectu Sacrae Scripturae* (cf. M. AUGUSTO RODRIGUES, *A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro Século (1537-1640)*, Coimbra 1974, pp. 17-18).

Foreiro (1), Heitor Pinto (2), Pedro de Figueiró (3), Frei Luís de S. Francisco (4) e Frei Luís de Sotomaior (5), para só indicar os mais famosos. Três dominicanos, um franciscano, um jerónimo e um cônego regrante de S. Agostinho. Todos mais ou menos contemporâneos de Camões, todos hebraístas consumados. E, no entanto, em nenhum recai a suspeita de ascendência hebraica, quanto eu saiba. Dois dos maiores (Jerónimo de Azambuja e Francisco Foreiro) estiveram até ligados à Inquisição, que não morria de simpatias pelos cristãos-novos.

Acrescentássemos os frequentes hebraísmos d'*Os Lusíadas* (6), o sábado de aleluia a impor-se porventura ao domingo de Páscoa (7) e a ignorância pura e simples dos feitos dos Macabeus ao longo da epopeia, pouco se alterava a situação. De hebraísmos estava pejada

(1) Autor de um perdido *Lexicon Hebraicum* e de diversos comentários científicos ao Antigo Testamento, dos quais infelizmente só um veio a lume, o *Iesaias prophetae vetus et nova ex Hebraico versio cum commentario*, Veneza 1563, Antuérpia 1566, Londres 1660, Frankfurt a. M. 1695, Antuérpia 1698, Paris 1861. Cf. J. NUNES CARREIRA, *o. c.*, especialmente pp. 22-24, 221.

(2) «... sem dúvida, o mais importante exegeta da Escola coimbrã e, entre os portugueses, um dos grandes» (M. AUGUSTO RODRIGUES, *o. c.*, p. 285). As sucessivas edições das suas obras, tanto em Portugal como no estrangeiro, atestam bem o êxito da sua investigação, cf. *ibid.*, pp. 272-283 e J. NUNES CARREIRA, *Dois Mestres de Antigo Testamento na Universidade de Coimbra*. Frei Heitor Pinto e Paulo de Palácios e Salazar, em *Didaskalia* 6 (1976) 381-394. Frei Heitor Pinto escreveu *In Isaiam Commentaria*, Lião 1591 etc., *In Ezechielem prophetam Commentaria*, Salamanca 1568 etc., *In divinum vatem Danielelem Commentaria*, Coimbra 1579 etc., *In prophetas Ieremiae Lamentationes*, Coimbra 1579, *In divinum Nahum Commentarii*, Coimbra 1579, Colónia 1582. Edição conjunta: *Opera omnia*, 2 vols., Paris 1584.

(3) A quem se devem os eruditos *Commentaria in Lamentationes Ieremiae prophetae et in Malachiam prophetam*, Lião 1596, 1609; *Commentaria in XII. Prophetas Minores*, Lião 1616; *Commentaria in XV. priores psalmos*, Lião 1619. O profundo conhecimento da língua original hebraica valeu-lhe dos contemporâneos a alcunha de «o Hebreu»!

(4) Autor de uma volumosa gramática hebraica, intitulada *Globus canonum et arcanorum linguae sanctae ac Divinae Scripturae*, Roma 1586.

(5) Sobre a vida e obra deste hebraísta, autor de *Cantici Canticorum Salomonis interpretatio*, Lisboa 1599, Paris 1605 e *Ad Canticum Canticorum notae posteriores ac breviores*, Paris 1611, cf. M. AUGUSTO RODRIGUES, *o. c.*, pp. 228-254 e J. NUNES CARREIRA, *Tradição e inovação no Comentário de Frei Luís de Sotomaior ao Cântico dos Cânticos*, em *Didaskalia* 9 (1979) 155-208.

(6) Cf. J. NUNES CARREIRA, «*Os Lusíadas*» e o Antigo Testamento, em *Arquipélago*, Série Ciências Humanas, 3 (1981) 221.

(7) *Ibid.*, p. 226.

a língua pátria, o sábado santo já celebrava a Ressurreição e o *argumentum ex silentio* tem apenas a fraqueza dos indícios deste género.

Dava vontade de parar por aqui... se não houvesse mais a dizer sobre Camões e a língua hebraica.

* * *

Em *Sóbolos rios* relaciona-se efectivamente Jerusalém como *šalôm*, «paz», Babel com *bâbal*, «misturar», «confundir».

Cale-se esta confusão
Cante-se a visão da paz.

Mas um pouco cultura, da muita que tinha Camões, sobrava para abrir caminho a esses significados. De mais a mais, o próprio texto bíblico bem traduzido em qualquer língua dava a equivalência entre «Babel» e «confusão» (cf. Gn 11, 9). Mais duvidoso se me afigura que haja intenção de opor *Ana* a *agonia* no *ABC em motes*. Sem isso, não se prova que Camões via em *Ana* o hebreu *hanna*, «graça».

Que mais indícios da língua hebraica pode dar a obra de Camões? Três pistas se abrem à nossa frente, todas relacionadas com a Bíblia Hebraica. Pois Camões conhece e cita várias vezes o Antigo Testamento, o grande *corpus* da literatura hebraica clássica. Pergunta-se, antes de mais, se por detrás das citações se vislumbra a leitura directa do original hebraico. E, a modo de complemento, se o cânone se limita aos livros sagrados dos Hebreus e se as realidades veterotestamentárias interpelam o Poeta na sua frescura original judaica ou na releitura da transfiguração cristã.

I

O *Auto de El-Rei Seleuco* oferece uma citação literal do Antigo Testamento, a única que lobriguei. Mas... em latim:

Vinum laetificat cor
Hominis (1)

(1) L. DE CAMÕES, *Obras completas*, com prefácio e Notas do Prof. Hernâni Cidade, III, Lisboa 1971³, p. 118. Para a lírica e o teatro cito o texto desta edição. Para *Os Lusíadas* sigo a edição do Instituto de Alta Cultura, Lisboa 1972.

É o Sl 104, 15. Se a transmissão textual de Camões está correcta, nem sequer é da Vulgata. Reproduz o *Psalterium iuxta Hebraeos*, tradução do hebraico da autoria de S. Jerónimo (1). É de crer que o Poeta quisesse copiar a Vulgata como a conhecia. Onde a base de confronto é mais segura, como no Sl 137, é a Vulgata que Camões lê. Em todo o caso, no Sl 104, 15 nem a Vulgata nem o *Psalterium iuxta Hebraeos* reproduzem fielmente o original (2).

No soneto *O dia em que nasci moura e pereça* apenas se transvasam para vernáculo os étimos latinos. Reza assim a linha inicial da famosa apóstrofe, na Vulgata: *Pereat dies in qua natus sum* (Job 3, 3). Só mais um «moura» a reforçar o desejo de riscar do tempo o dia maldado do nascimento. Dado o tema, o verso corre, lesto e livre, não cuidando mais do poema inspirador. A não ser que «o sol se escureça» (verso 5) se apoie no *obscurant* de Job 3, 5. Para encontrar o «eclipse» (verso 4) no *kimrirê yôm* seria precisa uma grande discussão filológica, com abandono da vocalização massorética e da interpretação rabínica (3). Camões contenta-se com a Vulgata.

Job 19, 24 influenciou nitidamente uma passagem de *Sóbolos rios*:

*A pena deste desterro
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro*

«Esculpida / em pedra ou em duro ferro» não é mais que o *stylo ferreo* ... *vel... sculptantur in silice* da Vulgata. O texto ainda mencionava outro material, o chumbo. E não se vê bem como os três materiais (ferro, chumbo e pedra) entrariam na feitura da inscrição. O chumbo não faria o mais leve sulco na rocha mais macia. Camões parece ter sentido a dificuldade. Ignora o chumbo e faz do ferro material, não

(1) A Vulgata lê *laetificet*. Devido ao largo uso dos salmos nas liturgias latinas, a versão do Saltério feita sobre o original hebraico por S. Jerónimo em Belém (*Psalterium iuxta Hebraeos*) não conseguiu suplantar a *Vetus Latina*, baseada na tradução grega dos LXX. E assim se manteve aquela antiga versão latina nos Salmos da Vulgata.

(2) O hebraico subjacente a *vinum laetificat cor hominis* é complemento directo do hemistíquio anterior e daria em português: «o vinho que alegra o coração dos homens».

(3) Cf. M. H. POPE, *Job* (AB 15), Garden City, N. Y., 1965, p. 29.

instrumento da inscrição: «esculpida em pedra ou em... ferro» (1). Uma coisa está fora de causa: rolam na pena de Camões os termos e até a ordem («esculpida / em pedra») da Vulgata, sem o menor indício do hebraico original. Nem outra coisa era de esperar, sobretudo num trecho conhecidíssimo da liturgia dos defuntos (2).

Lê-se numa das estrofes finais d'*Os Lusíadas*:

*Da boca dos pequeninos sei, contudo,
Que o louvor sai às vezes acabado*

X, 154. 3-4

Vê-se ao espelho, sem margem para dúvida ou hesitação, o Sl 8, 3. No texto original? De maneira nenhuma. O v. 3a do hebraico, decerto bem corrompido (3), liga-se a outro inciso nada fácil (v. 2c) e tem esta versão provável:

«Cantarei (4) teu esplendor sobre os céus
com lábios de criança e de meninos de peito».

(1) Possivelmente, o autor de *Job* pensa na «pedra» como material a ser gravado, destinando-se o «estilete» a traçar os sulcos e o «chumbo» a preenchê-los. Foi o método usado numa inscrição persa de Behistun; cf. M. H. POPE, *o. c.*, p. 124.

(2) As matinas do ofício de defuntos são a trave mestra do *Auto da Glória*, de Gil Vicente. O latim da liturgia passa em responsórios e lições ao longo de toda a peça, declamados pelo conde, pelo duque, pelo rei, pelo imperador, pelo bispo, pelo arcebispo, pelo cardeal e pelo papa (nesta ordem).

(3) Sl 8,2c: אֲשֶׁר תִּנְהַג הוֹדֵךְ עַל-הַשָּׁמַיִם

3a סִפִּי עוֹלָלִים וַיְנַקִּים יִסְדֶּתָּ עוֹ

לְמַעַן יִזְרְרֶיךָ

(4) Lendo, com J. A. Soggin אֲשִׁירָהּ-נָא; entendendo תִּנְהַג como

forma aramaizante de שָׁנָה «repetir» (em coro), teríamos: «ela (a terra) canta».

M. DAHOOD, *Psalms I* (1-50) (AB 16), Garden City, N. Y., 1965, p. 49 lê 'ašar^etannāh — um imperfeito *modus energicus* piel de šērēt «cultuar», «adorar» — e traduz: «I will adore». Sobre os problemas textuais do Sl 8 cf., além dos comentários e BH³ ou BHS, J. A. SOGGIN, *Textkritische Untersuchung von Ps. VIII vv. 2-3 und 6*, em VT 21 (1971) 565-571.

Na versão comoniana reflecte-se a Vulgata: *Ex ore infantium et lactentium perfecisti laudem...* (1)

A melhor prova de que Camões lia o Antigo Testamento pela Vulgata vem do já aduzido *Sôbolos rios*. A adesão ao texto latino é tão firme que algumas adaptações roçam pelo latinismo. É o caso de «fauces» (verso 197 = *faucibus* Sl 137, 6) «Hierusalem» (verso 293 = *Ierusalem*, v. 5) (2), «beato» (versos 316, 326 = *beatus* vv. 8.9). Se alguma hesitação porventura subsistisse, o confronto dos três textos — Hebraico, Vulgata e *Sôbolos rios* — eliminava-a pela raiz. Num caso ou noutro, o latim não corresponde ao hebraico actual, o mesmo do tempo de Camões. Ora *Sôbolos rios* está sempre com a versão latina e contra o original hebraico: «Nos salgueiros» (verso 54) copia servilmente *in salicibus* (v. 2), afastando-se dos «choupos» (*'arâbim*) do hebreu; «Seja dada / a ... esquecimento» (184-185) põe em vernáculo o *oblivioni detur* (v. 5) não o activo *tiškab*, «esqueça»; «arrasai-os» (289) e «derrubai-os» (301) estão muito bem por *exinanite* (v. 7), não por *'aru*, «desnudai»; «Filha de Babel» (312) é literalmente a *Filia Babylonis* (v. 8) da Vulgata, nunca versão de *bat babel*, onde um ouvido hebreu perceberia qualquer coisa como «menina Babel» (literalmente «filha Babel»).

II

O cânone veterotestamentário de Camões é o cristão. Pelo menos a partir do concílio de Trento, os católicos tiraram as dúvidas, ainda há pouco expressas pelo cardeal Caetano († 1534) quando aos chamados deutero-canónicos (*Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruch, 1-2 Macabeus*) (3).

(1) Veja-se a tradução adaptada de *perfecisti* em «acabado». Ora, como se acaba de mostrar, não há nenhum termo correspondente no original hebraico.

(2) *Hierusalem*, no *Psalterium iuxta Hebraeos*.

(3) Os protestantes acabariam por adoptar o cânone hebreu, rejeitando todos esses livros. Os ortodoxos dirimiram a questão no sínodo de Jerusalém, em 1637, ficando a meio caminho entre católicos e reformados: receberam *Tobias, Judite, Sabedoria* e *Eclesiástico*; cf. O. EISSFELDT, *Einleitung in das Alte Testament*, Tübingen 1964³, p. 725.

Ora *Tobias* e *Judite* são aduzidos por Camões. O primeiro n'Os *Lusíadas*.

O padrão deixado pela armada de Vasco da Gama na foz do rio dos Bons Sinais

*o nome tem do belo
Guiador de Tobias a Gabelo*

V, 78. 7-8

O guiador de Tobias foi o arcanjo S. Rafael (Tob 4, 20; 5, 1-4. 8; 6, 1-14. 18; 9, 1-6), aliás desconhecido do Antigo Testamento hebraico.

Judite é um dos poucos nomes bíblicos da ossatura onomástica do *ABC em motes*. Como é norma na obra de Camões, a parte de leão é açambarcada pela Antiguidade clássica. Desfilam, em erudita profusão, Apeles e Artemisa, Cleópatra e Cassandra, Dido e Dianira, Fedra e Febo, Galateia, Hércules e Hébis, Júlio César, Leandro, Minotauro, Minerva e Medeia, Narciso e Ninfas, Palas, Páris e Plutão com os Faunos, Helena, Pirro e Policena, Diana, Ácteon e Sirena, Tisbe, Príamo e Vénus. Dois heróis da Távola Redonda, Genebra e Lançarote (Lancelot), sacodem o pó dos velhos nomes, dão ares de modernidade. Com o modernismo, a galeria clássica admitiu uns laivos ornamentais de Antiguidade bíblica. Betsabé, solitária, anichou-se no B, não deixando de arrastar o rei David até na queda poética:

*Betsabé, com seu prazer,
A el-Rei David cegou;*

Judite deu a mão a Júlio César:

*Judit, que o duro Holofernes
Degolou, se viva fora,
Mate lhe déreis, Senhora.*

Cristo foi chamado a preencher o difícil X, envergando, para tal, roupagem grega aligeirada:

*Xpo vos acabe em graça
E vos faça piadosa
Tanto quanto sois formosa.*

Cobrindo o Z,

*Zacarias emudeceu
Por um pouco duvidar,
Eu só por vos falar.*

Bem magra é a representação das Escrituras: Betsabé, David, Judite e Holofernes do Antigo Testamento; Cristo e Zacarias do Novo. Ainda mais reduzida na edição de 1668, onde faltam Betsabé, David e Zacarias (1). Salvam-se Cristo e Judite em todas as edições. E, com isso, a certeza de que a cânone veterotestamentário de Camões era o cristão.

Por ignorar o Antigo Testamento hebraico e manejar cândida e familiarmente a Vulgata latina é que Camões chegou mesmo a saltar fora do cânone. Sucedeu-lhe tal precalço na *Oitava II*, «A D. Constantino, Vizo-Rei da India». Como prova do poder da vontade alude-se a um diálogo entre Dario e um moço hebreu:

*Porém, como a virtude pode tanto
No livre arbítrio (como disse bem
A Dário rei o moço sábio e santo
Que foi reedificar Jerusalém) (2)*

Bem se pode vasculhar o Antigo Testamento, judeu ou cristão, à cata de um diálogo entre «Dário rei» e um «moço sábio e santo / que foi reedificar Jerusalém». Lê-se que Dario confirmou um decreto de Ciro, autorizando e subsidiando a reconstrução do templo (não da cidade) de Jerusalém (Esd 6, 6-12). Assiste-se a um diálogo entre um imperador persa e um cortesão judeu, que haveria de reedificar Jerusalém. Mas o soberano aqueménida é Artaxerxes e o copeiro hebreu Neemias (Ne 2, 5.8).

Hernâni Cidade identifica o «moço sábio e santo» com Zorobabel. Instado a identificar a coisa mais forte do mundo, terá respondido: a Verdade. Mas não indica a fonte (3).

Zorobabel é efectivamente um nome familiar da história judaica imediatamente posterior ao exílio de Babilónia (597/585-538 a.C.).

(1) L. DE CAMÕES, *Obras completas*, I, 166 n. 13 e 175 n. 7.

(2) *Ibid.*, II, 179.

(3) *Ibid.*, n. 19-20.

Chefiou a primeira caravana de exilados que demandou a Palestina (Esd 2,2; Ne 7,7; 12,1). Restaurou ou reconstruiu o altar (Esd 3,2). A pedido do povo do país, autorizou a reconstrução do templo (Esd 2,8.10) e terá enchido os alicerces da obra (Esd 3,8.10-12; 5,16). Foi «governador de Judá» (Ag 1,2.14; 2,2.21). Mas nem a Obra do Cronista nem o resto do Antigo Testamento o põem a dialogar com Dario ou a reconstruir Jerusalém. As muralhas continuariam por terra até à vinda de Neemias, cerca de um século mais tarde (1).

A associação (com Dario e com a reconstrução de Jerusalém) é obra de um apócrifo, que para mais só nos chegou em manuscritos gregos e versões latinas, siríacas, etiópicas, arménias e árabes. É o III Livro de Esdras em latim, Esdras A (alfa) nos LXX, I de Esdras nas versões inglesas (2).

Numa pitoresca narrativa dos capítulos 3-4, a guarda pessoal de Dario (Hystaspis, 522-485 a.C., não «Dario o Medo», de Dan 6,1; 11,1) lembrou-se de um, aliás bem conhecido, stratagem, para melhor deixar passar a monotonia da noite. Vão para uma espécie de concurso: cada um dos três escreveria o que lhe parecesse a coisa mais valente do mundo, colocava a peça inscrita e selada debaixo do travesseiro de Dario e aguardariam o desfecho. Com toda a certeza, o rei, logo que acordasse, iria dar com as máximas e não deixaria de premiar magnanimamente a mais espirituosa.

Assim fizeram. O primeiro guarda escreveu: «o vinho é o mais forte». O segundo: «O rei é o mais forte». E o terceiro: «As mulheres são o mais forte, mas a verdade é vitoriosa sobre todas as coisas».

(1) A cronologia da actividade de Esdras e Neemias em Jerusalém está longe de ser clara, e qualquer reconstituição dos acontecimentos envolve uma série de hipóteses. A ordem canónica dos livros a que essas personagens da história judaica dão o nome supõe que Esdras precedeu Neemias em Jerusalém. Duas histórias de Israel que se tornaram quase «clássicas», as de M. NOTH, *Geschichte Israels*, Göttingen 1963⁵, pp. 290-304, e J. BRIGHT, *A History of Israel*, London 1966, 4.^a impressão, pp. 363, 375-386, por razões algo diversas, dão a prioridade cronológica a Neemias. Segundo M. Noth, Neemias está em Jerusalém de 445 a 443 a. C., regressa a Babilónia e volta com segundo mandato para Jerusalém cerca de 420 a. C.. Desta vez fazia-se acompanhar de Esdras, cuja missão era mais de ordem espiritual. Mas não é de excluir a possibilidade da ordem canónica Esdras-Neemias; cf. S. HERRMANN, *Geschichte Israels in alttestamentlicher Zeit*, München 1973, pp. 386-387.

(2) Devo a identificação desta fonte camoniana ao Prof. A. Diez Macho, do Departamento de Hebreu e Arameu da Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade Complutense, Madrid (carta de 19.3.1981).

Tudo aconteceu como previsto. O rei acorda, dá com as sentenças. Reúne o conselho de Estado e manda chamar os três jovens guardas à sua presença. Cada um tem de explicar o que escreveu.

Ora o terceiro a entrar em cena, o «que falou de mulheres e verdade — era Zorobabel» (1) (III Esd 4,13). Entende que as mulheres são mais fortes do que o vinho, contra o primeiro colega, e até do que o próprio rei, contra o segundo. São elas que dão vida aos reis, nutrem os que plantam vinhas, confeccionam o vestuário e dão a reputação aos homens. Por causa de uma mulher, os homens são capazes de esquecer tudo. «Por isso, deverias (Dario) verificar que as mulheres te dominam» (III Esd 4,22).

A verdade, porém, é ainda a mais forte: «O vinho é enganador, o rei é enganador, as mulheres são enganadoras, todos os filhos dos homens, juntamente com as suas obras e todas essas coisas, são enganadores; e a verdade não está neles; e, por causa do seu engano, perecerão. A verdade persiste e é forte para sempre; continua a viver e perdura para sempre» (4,37-38). Prossegue o elogio da verdade até que o veredicto popular como que remata em aclamação de júbilo: «Grande é a verdade e incomparavelmente forte» (4,41).

Estava apurado o vencedor. O prémio é que tinha de ser achado. Os guardas não puderam senão tê-lo como certo e vultuoso. Dario não os desilude. Em bom estilo oriental, oferece o que o vencedor desejar. Que peça o que bem entender. E aqui entra a reconstrução de Jerusalém. Para magnânimo, magnânimo e meio. Totalmente esquecido de si, Zorobabel replica: «Lembra-te da promessa que fizeste no dia em que recebeste o reino — reconstruir Jerusalém e restituir todos os vasos levados de Jerusalém e expropriados por Ciro, quando prometeu pôr fim a Babilónia e enviá-los de novo para lá. Também prometeste reconstruir o templo, que os Edomitas incendiaram quando Judá foi devastada pelos Caldeus. Ora é isto que eu peço, Majestade, e o que de ti requieiro, pois tal está de acordo com a tua generosidade. Peço-te agora que cumpras a promessa feita ao Rei do Céu...» (4,43-46).

(1) Não importa que «Zorobabel» — o único guarda identificado — seja provavelmente uma glosa nesta narrativa popular, em que se não vêem quaisquer conexões históricas judaicas; cf. J. M. MYERS, *I and II Esdras* (AB 42), Garden City, N. Y., 1974, pp. 47, 53. A glosa era essencial para a continuação da história, *ibid.*, p. 55 n. 5. E Camões, como a generalidade dos eruditos do seu tempo, não fazia a menor ideia destes problemas textuais.

Dario aceita a proposta e dá instruções no sentido de se reconstruir a cidade santa dos Judeus. Zorobabel, alvoroçado, parte logo para Babilónia, a dar a boa nova aos seus patrícios. Foi enorme a alegria na comunidade hebraica. Uma semana não foi demais para celebrar a nova de poder reconstruir Jerusalém e o seu templo (cf. 4,61-62) (1).

Aqui termina a fonte de Camões. E, embora as *Antiguidades Judaicas* (11:3:2-6) de Flávio José aludam a ela, não era preciso ir tão longe. O Poeta tinha-a à mão, em apêndice à sua Bíblia. A Vulgata juntou à colecção canónica os apócrifos III e IV de Esdras.

III

A última questão é a do sentido. Lido em versão latina, completo no cânone cristão, o Antigo Testamento é para Camões precisamente isso: Antigo em relação ao Novo; por este iluminado e transfigurado (para um judeu, o Antigo Testamento é simplesmente a Bíblia, completa e fechada). A luz do Novo Testamento detecta-se em vários lados.

A criação é mais que o acto primordial de um Deus oculto e inacessível. É obra de Cristo:

*Não, que aquele (é) Deus alto, incriado
Senhor das cousas todas que fundou,
O Céu, a Terra, o Fogo e o Mar irado,
Não do confuso caos, como cuidou
A falsa teologia e o povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou;
Não dos átomos falsos de Epicuro;
Não do largo oceano, como Tales,
Mas só do pensamento casto e puro.*

Elegia VI

Deixemos os filósofos gregos, rotulados com desdém de fautores de «falsa teologia», ou seguidos no esquematismo dos elementos físicos fundamentais (ar, «terra», «fogo» e água) e na realidade primária das

(1) Toda a narrativa em tradução inglesa, com notas e comentário, em J. M. MYERS, *o. c.*, pp. 44-57.

ideias («só do pensamento casto e puro»). Retenhamos apenas a transposição da obra criadora para Cristo.

Adão começou um cativoiro para onde arrastou seus descendentes. Primeiro acto de um grande drama! A tragédia prolonga-se até Cristo, onde termina. É o que se lê na *Elegia à Paixão*:

*As venerandas barbas de Deus vivo
De resplendor ornadas, s'arrancavam
Para desempenhar a Adão cativo.*

...

*Para o mísero Adão, que ali bebia
Na fonte que do peito lhe manava.*

Isto é a doutrina de S. Paulo (Rom 5, 12-19), posta em verso e elevada a dimensões estéticas não sonhadas por esse teólogo brilhante da Igreja primitiva.

Como Adão, também os profetas se projectam até Cristo, de quem se afirma:

*Sendo tu dos profetas a certeza
Dizem que quem te fere profetizes*

Elegia VI

É Cristo que dá todo o sentido à criação, a Adão e aos profetas, três grandes realidades da fé judaica, agora iluminadas da fé cristã.

O Sinai é um dos pólos fundamentais da história e das tradições do Antigo Testamento. A essa montanha árida, jacto volumoso de granito a espirrar do chão, se ligaram a revelação do nome de Javé (Ex 3) e o anúncio solene dos mandamentos (Ex 19-20). Pedra angular da peregrinação do deserto, o Sinai aglutinou sagas e fundamentou leis. No Sinai se legitimou a existência política e religiosa de Israel.

Camões ignora esse Sinai israelita. Lembra apenas que a montanha bíblica alberga o túmulo da «Egípcia santa Catarina» (*Os Lusíadas*, X, 43. 8):

*Olha o monte Sinai que se enobrece
Co sepulcro de Santa Catarina*

X, 99. 1-2

Resta-nos mais um pólo indiscutível da história e da idiosincrasia judaica: Jerusalém. Adão era um prelúdio, universalista na sua huma-

nidade amassada em barro. O Sinai alicerce inabalável de uma Nação e de uma Fé. Jerusalém o termo da ascensão política, cristalização geográfica de aspirações profundas, envolta no fascínio do mito, a resistir até hoje aos vendavais de uma história três vezes milenária. Submetida e humilhada pelos Babilónios, reconstruída miseravelmente sob os Persas, profanada pelos Sírios, arrasada e paganizada pelos Romanos, ocupada e rebaptizada (*El Quds*) pelos Árabes, jamais morreu Jerusalém na lembrança dos Judeus. De Babilónia, de Alexandria, da Roma imperial, nunca os olhares e os corações deixaram de, pertinazes, se atirar para Jerusalém. Jerusalém, como a Bíblia, a Fé e a raça mantém até hoje a coesão do povo hebreu. Não há nada que se lhe compare em qualquer outra capital. A nostalgia e o fascínio resistiram a todas as derrocadas, perseguições e diásporas. Nunca cessou o atractivo da Jerusalém dos tempos bíblicos, em que o campónio da província relembra o ufano: «Que alegria quando me disseram: vamos à casa de Javé» (Sl 122, 1).

Como sente, então, Camões Jerusalém, a «velha e santíssima Cidade / que o torpe Ismaelita senhoreia»? (*Os Lusíadas*, VII, 5. 2-3). «Velha» para todos, santa até para o «torpe Ismaelita», Jerusalém pode ser «santíssima» tanto para judeus como para cristãos. Não há dúvida que o épico a sente como cristão:

*Guarda-lhe, por entanto, um falso Rei,
A cidade Hierosólíma terrestre,
Enquanto ele não guarda a santa lei
Da cidade Hierosólíma celeste.*

VII, 6. 1-4

Desapareceu a geografia, física e humana. Varreu-se de uma penada a história e a política. O que fica é a Nova Jerusalém escatológica dos cristãos, «Terra bem-aventurada», «terra de Glória», «santa Cidade / de onde esta alma descendeu», «Hierusalém sagrada», «pátria minha natural», «minha pátria singular» (*Sóbolos rios*). Jerusalém do alto e do futuro é a grande inspiradora do Poeta, que é também filósofo platónico e cristão.

Passou a Jerusalém hebraica. Nem os traços mitológicos que a nimbavam na poesia cultural (Sl 46; 48) foram capazes de a salvar. Para Camões, é só uma a raiz da dignidade de Jerusalém: Cristo. É a «cidade Hierosólíma sagrada», associada ao Jordão «que viu de Deus a carne em si lavada» (*Os Lusíadas*, III, 27). É a «cidade onde

Cristo padeceu» (III, 87. 4), mobilizadora das grandes cruzadas da Idade Média. É esta a Jerusalém de Camões.

* * *

Camões cristão-novo? Quem quiser e puder que o negue. Quem tiver provas que o afirme. Mas há que buscá-las noutra lado, que não no suposto conhecimento do hebraico, ao menos enquanto se infere da sua obra.

Coimbrão e «bacharel latino» foi o épico, sem dúvida (1). Em latim lia a sua Bíblia. À luz do Novo entendia o seu Antigo Testamento, alargado aos limites canónicos dos cristãos. A um apócrifo inserido em apêndice na Vulgata foi buscar o diálogo entre Dario e Zorobabel sobre a verdade. Tudo abona em favor de um Camões cristão sem mais qualificativos, de uma cultura que não abrangia o domínio da língua hebraica.

JOSÉ NUNES CARREIRA

(1) R. BISMUT, *Camões et son oeuvre lyrique*, em A. J. DA COSTA PIMPÃO *et alii*, *Visages de Camões*, conférences, Paris 1972, p. 40: «il nous faut admettre que Camões fut l'un et l'autre, je veux dire, étudiant et *coimbrão* et que son érudition n'est pas celle d'un autodidacte, mais bien d'un bachelier universitaire». Sobre o título de «bacharel latino», de uma sátira de André Falcão de Resende (c. 1535-1599) dedicada a Camões, cf. W. STORCK, *Vida e obras de Luís de Camões, I*, versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Lisboa 1897, pp. 220-221; T. BRAGA, *Camões. Época e vida*, Porto 1907, p. 208; A. DA COSTA RAMALHO, *Estudos camonianos*, Coimbra 1975, p. 25 n. 2.